

A escrita de si através do outro: tensões entre autobiografia e ficção em *Triste não é ao certo a palavra*, de Gabriel Abreu, e *A água é uma máquina do tempo*, de Aline Motta

Introdução

A partir da “guinada subjetiva” (SARLO, 2007; ARFUCH, 2010), formas narrativas que exploram o “eu” dos seus autores, como a autobiografia, o diário, o testemunho e o relato se destacam na literatura contemporânea e sugerem a discussão sobre a perda de espaço da ficção na literatura. A escrita de si (FOUCAULT, 1992; KLINGER, 2006) se destaca nesse cenário, tendo em vista as mudanças no modo de escrita do “eu” da produção literária brasileira contemporânea.

Triste não é ao certo a palavra, de Gabriel Abreu

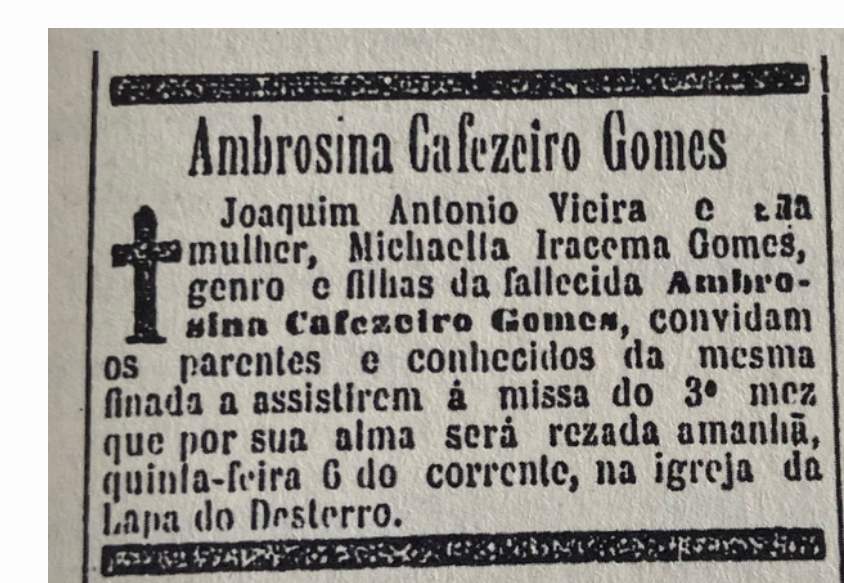
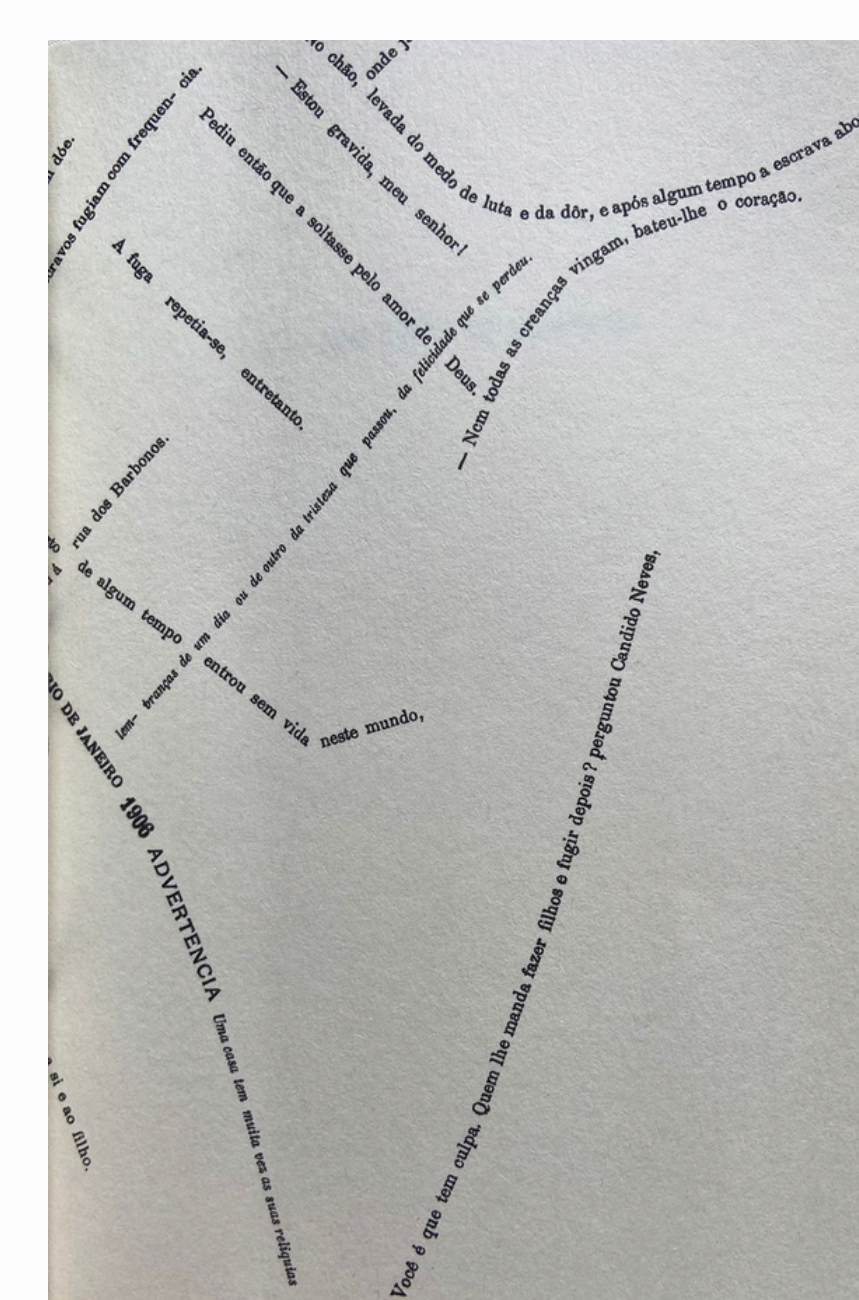
Triste não é ao certo a palavra, romance de estreia de Gabriel Abreu, publicado em 2023, tem uma clara proposta: contar a história de vida de uma pessoa que não pode contá-la. A motivação da escrita do romance é a descoberta, por parte do escritor, do conteúdo de uma caixa escondida na casa de seus pais, onde estavam um diário, centenas de fotografias e sessenta e oito cartas pertencentes a sua mãe, que passou por um processo de demência antes de falecer. A ficção e o documento se combinam ao longo da narrativa numa exposição da vida compartilhada entre o autor e sua mãe. Em paralelo ao relato do adoecimento de sua mãe, é possível acompanhar a investigação do narrador sobre as histórias não contadas, sobre sua própria identidade:

Fico perplexo com a materialidade da memória traduzida nessas palavras, guardada por todos esses anos enquanto sua consciência foi desaparecendo.

Não consigo parar de pensar no que isso significa. Nesse receptáculo de uma memória perdida, de uma identidade reencontrada, contida toda ali dentro de uma caixa, descrita nas palavras dos outros, daqueles que te amavam. Fico me perguntando se você algum dia previu essa descoberta, antecipando a trajetória que esses registros fariam até mim. Se o que a incitou a guardar esses documentos foi apenas um impulso acumulativo ou algum pressentimento de como o tempo poderia transformá-los. (Abreu, 2023, P.53-54)

A água é uma máquina do tempo, de Aline Motta

Publicado em 2022, *A água é uma máquina do tempo*, de Aline Motta, usa o documento para recompor a vida de sua tataravó. Reproduzindo anúncios de jornais sobre sua morte, a transcrição da certidão de óbito e mapas da cidade do Rio de Janeiro, Motta combina a poesia ao documento, resgata uma história de família, pessoal, e também coletiva, refletindo sobre o silenciamento da história sobre os sujeitos negros:



(Motta, 2022)

Considerações finais

Ambas as obras falam em primeira pessoa, com uma perspectiva muito pessoal sobre pessoas que compõem o espaço biográfico dos narradores/autores e se valem de documentos para resgatar uma memória. Essa recuperação biográfica se expande para um escrutínio da própria identidade daquele que narra e se expande para uma perspectiva de alteridade. Pensando tanto na noção de “práticas inespecíficas” (GARRAMUÑO, 2014), como na conversa entre os procedimentos que resultam em formas que são e não são ficção (AZEVEDO, 2020), os dois livros são exemplos para aprofundar a discussão sobre as transformações literárias do presente.

Referências

- ABREU, Gabriel. *Triste não é ao certo a palavra*. São Paulo: Companhia das letras, 2023.
- AZEVEDO, Luciene. “O inespecífico e a forma.” *Revista da Anpoll*, 2020, 51(3), p. 20-32.
- FOUCAULT, Michel. *O que é um autor?* Lisboa: Editora Nova Vega, 1992.
- MOTTA, Aline. *A água é uma máquina do tempo*. São Paulo: Círculo de poemas, 2022.